SOCIOLOGIA

GT 11: SOCIOLOGIA DO TRABALHO E RURALIDADES

Sessão 2: Ruralidades

PRODUÇÃO ALTERNATIVA E AS TRANSFORMAÇÕES DOS ESPAÇOS E ATORES RURAIS: O CASO DO INSTITUTO ANNONA DE AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

Jéssica Aline Troiano – UNESP/Fclar
jessycatroiano@gmail.com
Fomento: FAPESP

A proposta de trabalho pretende discutir as transformações que estão ocorrendo nos espaços rurais brasileiros a partir de pesquisa empírica realizada junto ao Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável, uma associação de pequenos e médios produtores de alimentos orgânicos do interior do estado de São Paulo. Foram entrevistados os 17 produtores do Instituto que estão distribuídos entre 10 municípios: Araraquara, Bebedouro, Catanduva, Ibitinga, Itápolis, Nova Europa, Novo Horizonte, Pirangi, Reginópolis e Taquaritinga. Entende-se que experiências produtivas diferenciadas, como a produção orgânica, permitem o desenvolvimento de alternativas para pequenos e médios produtores rurais, alcançando e amplificando demandas por produtos de qualidade que primam por fatores como a saúde, a sustentabilidade ambiental e as propriedades nutricionais dos alimentos, propiciando maior qualidade de vida tanto para produtores quanto para consumidores. As escolhas dos produtores pelos orgânicos expressam mudanças subjetivas na ação social daqueles que consomem alimentos diferenciados e de qualidade, revelando que a opção por esses produtos não se move apenas pelo retorno econômico, mas por suas qualidades simbólicas e imateriais. O estudo permitiu constatar que fatores como a inovação, a cooperação, a troca de conhecimentos e informações e a atuação de políticas públicas voltadas para atividades alternativas – no caso do Instituto o AGROSEBRAE, programa do SEBRAE-SP, fornece assistência técnica e gerencial – são imprescindíveis para o dinamismo das regiões rurais, principalmente para pequenos produtores, não raro, colocados à margem do processo de produção dada a predominância da monocultura latifundiária. No caso de mercados diferenciados voltados para pequenos e médios empreendimentos a organização em uma associação é imprescindível, uma vez que fortalece os produtores individuais frente à demandas específicas desses mercados, como a certificação e a comercialização dos produtos orgânicos, dificultadas quando os mesmos permanecem individualizados. A construção de um território voltado para uma atividade alternativa permite um melhor desenvolvimento dos produtores diante das mudanças que ocorrem nos espaços rurais, dando a tônica de novas dinâmicas e processos dantes não identificáveis e não discutidas na análise desses espaços.

INTRODUÇÃO

O advento da agricultura convencional no século 20 esteve relacionado aos avanços científicos e tecnológicos ocasionados pelos processos de modernização. Segundo Veiga (2003), setores substanciais para o desenvolvimento das condições agroalimentares foram “revolucionados”, como a biologia, a ecologia e a mecanização, oportunizando elevados níveis de produtividade. Esse processo, também conhecido como *Revolução Verde*, culminou na substituição de modelos de produção tradicionais por um conjunto de práticas produtivas homogêneas (EHLERS, 1996). Assim, em conformidade com o modelo de produção fordista a agricultura reiterava a padronização

e estandardização do consumo, difundindo e disponibilizando uma alimentação massificada e artificializada (LOZANO CABEDO, 2009).

Entretanto, ao longo dos anos os riscos desse modelo tornaram-se evidentes, principalmente aqueles associados à saúde humana, ao equilíbrio da natureza e à qualidade de vida no campo. A emergência da "questão agroambiental" a partir da década de 80 redefine o leque de atores interessados nas técnicas e efeitos causados pela agricultura. Para além dos agricultores e agências estatais, variados setores da sociedade como movimentos ambientalistas, órgãos internacionais, ONGs ou mesmo cidadãos comuns passam a debater a temática (GARRIDO e MOYANO, 2004). Ademais, com mudanças significativas nas relações de produção e consumo, indivíduos (cidadãos)[219] cada vez mais preocupados com um consumo qualificado e diferenciado passam a questionar a padronização dos estilos de vida e gostos (ANJOS, AGUILAR CRIADO, CALDAS, 2011).

Enquanto uma das vertentes da agricultura alternativa, a agricultura orgânica emerge em oposição ao modelo convencional. Defende uma agricultura "limpa", livre do uso de agrotóxicos, das plantas geneticamente modificadas, e demais métodos convencionais. Busca o equilíbrio ambiental da propriedade priorizando a utilização de compostos orgânicos. Além disso, estimula a segurança alimentar e contribui para a justiça social no campo (EHLERS, 1996).

A opção por mercados diferenciados, a qualificação do produto e dos processos de produção, assinalam novas formas de usos dos espaços rurais, bem como o emprego de diferentes métodos agrícolas. Categorias como o "novo rural" (SILVA, 1999) ou as "novas ruralidades" (WANDERLEY, 2010) buscam traduzir as dinâmicas e processos que passaram a fazer parte dessa realidade. Assim, desponta a pequena produção empreendedora, mobilizando e entrelaçando elementos como a inovação, a cooperação e o conhecimento (CAMPOS, 2010; ABRAMOVAY, 2001).

A verificação de uma alternativa produtiva no interior paulista como o *Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável*[220] é considerada uma oportunidade para

[219] A possibilidade de pensar a alimentação para além de uma necessidade biológica e nutricional questionando a homogeneização dos modos de produção e consumo está associada à atuação de diversos níveis de diferenciação - *capital econômico, cultural e social* - em distintos indivíduos e sociedades. Como exemplo disso, pesquisa acerca dos produtos orgânicos demonstra que os consumidores desse mercado em sua maioria contam com altos níveis de escolaridade e um poder econômico superior (DAROLT, 2002).

[220] O presente artigo apresenta alguns resultados de pesquisa de Iniciação Científica em andamento financiada pela FAPESP, intitulada *A subjetividade do novo agente-produtivo consumidor: o caso do Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável* (Processo: 2012/20042-7).

compreender as particularidades deste cenário. Temáticas como o perfil produtivo, o desenvolvimento local, o cooperativismo, a sustentabilidade e a subjetividade dos agentes envolvidos com a produção e consumo dos orgânicos permeiam o estudo do grupo de produtores, uma vez que fundamentais para compreender a potencialidade dessa experiência.

PERFIL PRODUTIVO E PRODUÇÃO EMPREENDEDORA

Como se sabe, os espaços rurais da região central do estado de São Paulo assim como grande parte do estado são marcados pela monocultura com predominância da cana-de-açúcar e da laranja. Reúnem os mais diversos atores sociais, tais quais, as grandes agroindústrias, trabalhadores rurais migrantes, pequenos e médios produtores, etc. configurando uma multiplicidade de atores e agentes em constante interação (PEREIRA e TROIANO, 2013).

Neste cotexto, o Instituto ANNONA[221] de Agricultura Sustentável, uma associação de pequenos e médios produtores orgânicos e biodinâmicos, surge em 2009, resultando de um rompimento com a *COAGROSOL – Cooperativa dos Agropecuaristas Solidários de Itápolis –*[222]. Embora sediada em Itápolis-SP, a associação incorpora produtores de diferentes municípios da região – Araraquara, Bebedouro, Catanduva, Ibitinga, Nova Europa, Novo Horizonte, Pirangi, Reginópolis e Taquaritinga –.

Conforme levantamento Lupa (2008), dentre esses dez municípios foram identificadas 9.434 Unidades de Produção Agrícola (UPAs), das quais 78% são pequenas e médias propriedades com até 50 hectares de área. Mesmo que em grande parte ocupadas pela cana-de-açúcar e a laranja, pesquisa realizada entre 2012-2013[223]

[221] De acordo com depoimento concedido pelo presidente do Instituto, o nome ANNONA deriva da denominação científica da fruta do conde. A fruta é integrante da família das annonaceae, da qual, frutas como a pinha e a graviola fazem parte. A fruta do conde dentro do organismo agrícola representa o sol. Neste sentido, a escolha do nome deu-se em decorrência da relação dessa fruta com o sol e por possuir uma peculiaridade. Essa peculiaridade é o seu fruto, o qual conta com uma grossa casca e sementes que representam respectivamente o Instituto e seus associados. A poupa simboliza a separação das sementes, pois não permite o atrito entre elas, representa, portanto, a harmonia entre os associados. Ressalto, entretanto que a "harmonia" referida nos discursos dos produtores, não deve obscurecer a existência de conflitos dentre os mesmos, relacionados principalmente a temas como à comercialização e a certificação.

[222] O rompimento ocorreu devido a conflitos entre produtores de frutas e hortaliças, o que resultou na formação de uma associação composta apenas por produtores de hortaliças e legumes, o Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável.

[223] Os casos exemplificados foram mapeados e acompanhados por pesquisa Jovem Pesquisador (FAPESP) intitulada *Capitalismo cognitivo e a dinâmica da pequena produção agrícola "alternativa" no contexto "local" de Araraquara – o caso do SAI – Sistema Agroindustrial Integrado do SEBRAE –*

em 19 municípios[224] da Região Central do Estado de São Paulo identificou presença expressiva de atividades alternativas em pequenas e médias propriedades. Atividades como agricultura orgânica, cachaça artesanal, pinga e vinho de mel, plantas ornamentais, mudas florestais e queijo artesanal foram constatadas, não raro, relacionadas a experiências de associações e cooperativas, como a Coagrosol – Cooperativa dos Agropecuaristas Solidários de Itápolis – e a APRIB – Associação dos Produtores Rurais de Ibitinga.

Esta conjuntura sugere que a experiência do Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável é parte de um processo mais amplo caracterizado pela construção de alternativas produtivas na região. Entende-se, portanto, que os atores que se articularam a princípio com base na COGROSOL, posteriormente se mantiveram em virtude de seu próprio êxito, criando um *ponto de apoio* para produtores que almejavam a conversão para esse modelo produtivo alternativo.

A associação possui 17 produtores, dos quais 14 são homens e apenas 3 são mulheres. A despeito de prevalecerem os homens na direção das propriedades, constatamos que no cotidiano das tarefas de manutenção da produção, mesclam-se o trabalho de homens e mulheres, seja nos cuidados com a terra, no preparo e realização da comercialização, ou ainda nos compromissos administrativos. As idades dos produtores dirigentes variam dos 27 aos 61 anos, mas com predominância da faixa dos 46 aos 55 anos. Identificamos que de algum modo, todos esses produtores possuem histórias de vida relacionadas ao meio rural, não raro, associadas à atividade agrícola, o que conforme aponta Wanderley (2009) nos permite admitir o rural como um espaço de vida, carregado de significados e símbolos que marcam aqueles que dele um dia fizeram parte, possivelmente influenciando suas escolhas no que toca ao desenvolvimento de atividades nos espaços rurais.

Dentre esses produtores, a média de área das propriedades é cerca de 17 hectares, a maior delas com uma extensão de 72 hectares e a menor com 7.600 metros². As principais culturas desenvolvidas são os legumes (como abóbora, berinjela, pimentão e quiabo), as hortaliças (como alface, almeirão e rúcula), as frutas (como

---

(Processo: 2010/50857-7), coordenada pelo Prof. Dr. Ricardo Luiz Sapia de Campos, orientador da pesquisa de iniciação científica que aqui apresento.

[224] Américo Brasiliense, Araraquara, Boa Esperança do Sul, Borborema, Cândido Rodrigues, Dobrada, Fernando Prestes, Gavião Peixoto, Ibitinga, Itápolis, Matão, Motuca, Nova Europa, Rincão, Santa Ernestina, Santa Lúcia, Tabatinga, Taquaritinga e Trabiju.

limão, goiaba, mamão, melão e laranja) e os grãos como o café. Predomina o emprego da mão-de-obra familiar, persistindo todavia, alguns produtores com mão-de-obra assalariada registrada, é valido notar que o assalariamento formal é um dos requisitos para a certificação dos produtos orgânicos, reduzindo a identificação do trabalho de diaristas nas propriedades.

A complementaridade da renda desses pequenos e médios produtores com outras atividades é relevante para a manutenção da agricultura orgânica. Assim, de modo simultâneo, 53% dos produtores desenvolvem culturas convencionais como a cana-de-açúcar e a laranja, e outros 47% atividades não-agrícolas, como vendedor de roupas, restaurador de carros, doceiro, motorista autônomo, etc. Esse processo possibilita uma diversificação da renda do produtor, sem a qual dificilmente persistiriam na agricultura orgânica.

Assim, entende-se que a organização da associação contribui para reativar e/ou resignificar as características sociais e culturais locais favorecendo o desenvolvimento territorial. Isto é, possibilita que os espaços rurais sejam não apenas lócus de produção, mas também de vida, imprimindo traços e cores a uma paisagem dantes considerada fadada ao desaparecimento (WANDERLEY, 2009). Com os novos papéis e significados das áreas rurais, a produção agrícola, especialmente de pequeno e médio porte, cria oportunidades de geração de renda ao mesmo tempo em que cede espaço às preocupações da sociedade contemporânea, como os problemas ambientais e o questionamento da qualidade dos estilos de vida padronizados pela sociedade industrial (ABRAMOVAY, 2007).

Conhecimento, informação, cooperação, tecnologia e inovação, são os principais elementos que sustentaram o desenvolvimento dos produtores do Instituto ANNONA. Quando em grupo as ações de cooperação e solidariedade contribuem para superar interesses individuais e o ideal da competitividade. Fator importante ao consideramos um mercado alternativo a agricultura convencional, que se ajusta as propostas do ambientalismo como nova forma de pensar a produção e consumo e a relação homem e natureza (LEIS e D'AMATO, 2011). Em específico no caso dos orgânicos, a associação contribui para que o produtor continue neste mercado, uma vez que fortalece processos como a comercialização e a certificação, dificultadas quando individualizados. Quanto à certificação, a organização dos produtores em grupo permite queda significativa dos

valores pagos anualmente[225]. Já a comercialização é facilitada quando em grupo pela possibilidade de manter a variedade, constância e volume de produtos, fatores imprescindíveis quando o abastecimento se concentra em grandes centros de consumo, como São Paulo[226].

Conforme salientam Hardt e Negri (2005) os agricultores apresentam um *saber-fazer* típico da atividade agrícola, dada sua relação simbiótica com os elementos naturais – solo, água, ar, sol, etc. No caso do Instituto pude constatar que esse saber, construído nas relações cotidianas de proximidade, é difundido por meio da reciprocidade entre produtores, principalmente quando facilitadas pela organização de uma associação, estimulando as trocas constantes de conhecimentos e informações.

É interessante notar que conforme sugere diversos estudos sobre o perfil dos consumidores de alimentos orgânicos (AZEVEDO, 2012; DAROLT, 2002), os atores envolvidos com a expansão desse mercado apresentam altos níveis de escolaridade, realidade que não difere daquela do Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável, uma vez que os produtores apresentam alto grau de qualificação conforme apresentado no gráfico abaixo.

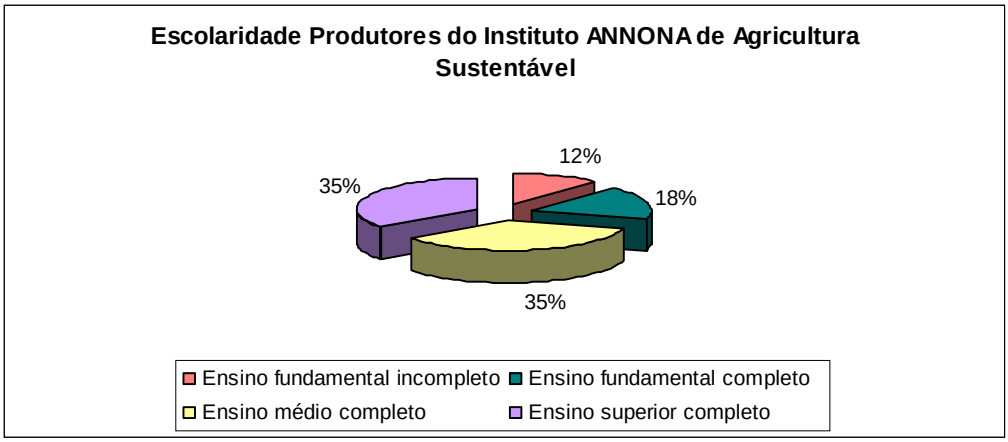


Gráfico 1- Dados produzidos pela pesquisa.

Se somarmos os produtores com *ensino médio completo* e aqueles com *ensino superior completo*, temos que 70% dos produtores possuem no mínimo ensino médio, o

[225] Segundo depoimentos, de 4.000 mil reais anuais por uma certificação individual, a certificação em grupo cai para 400,00/500,00 reais anuais pagos por cada membro.

[226] Parte dos produtores, embora considerem vantajosa a comercialização proporcionada pelo grupo para os grandes centros de consumo, desejam desenvolver o mercado local, restabelecendo as relações diretas entre produtores e consumidores. Esse anseio, todavia, é fator de difícil consenso dentro do grupo, dado que alguns dos produtores, mesmo que em minoria, desejam permanecer com a comercialização extra-local.

que sugere facilidade em lidar com novas técnicas agrícolas ou mesmo tecnologias produtivas e da informação, como por exemplo, a utilização da internet para a atualização dos conhecimentos referentes à produção orgânica. Em 70% dos casos acompanhados os produtores admitiram que obtiveram seus conhecimentos técnicos e gerenciais através de órgãos e instituições públicas como o SEBRAE – Serviço de apoio às micro e pequenas empresas –, o SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural –, as casas da agricultura e da lavoura, dentre outros.

Assim, a assessoria técnica e gerencial de órgãos governamentais foram imprescindíveis para a experiência do Instituto ANNONA, tendo o SEBRAE-SP com o programa AGROSEBRAE[227] orientado seus primeiros passos através do estabelecimento de um contrato. Aos produtores da associação o programa oferece assistência técnica, concedendo visita mensal de um agrônomo especializado no cultivo dos orgânicos, além de propiciar assistência gerencial por meio de cursos que buscam estimular as capacidades empreendedoras dos produtores. Isto é, podemos inferir que os maiores níveis de conhecimento apresentados pelos produtores do Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável facilitam a adequação as novas técnicas e tecnologias tanto de cultivo quanto administrativas viabilizadas por esses programas. Compreende-se, ainda, que os níveis de formação elevados permitem a atualização constante do produtor através da leitura de revistas e livros que versem sobre esse método de produção alternativo.

MOTIVAÇÕES PARA A PRODUÇÃO ORGÂNICA

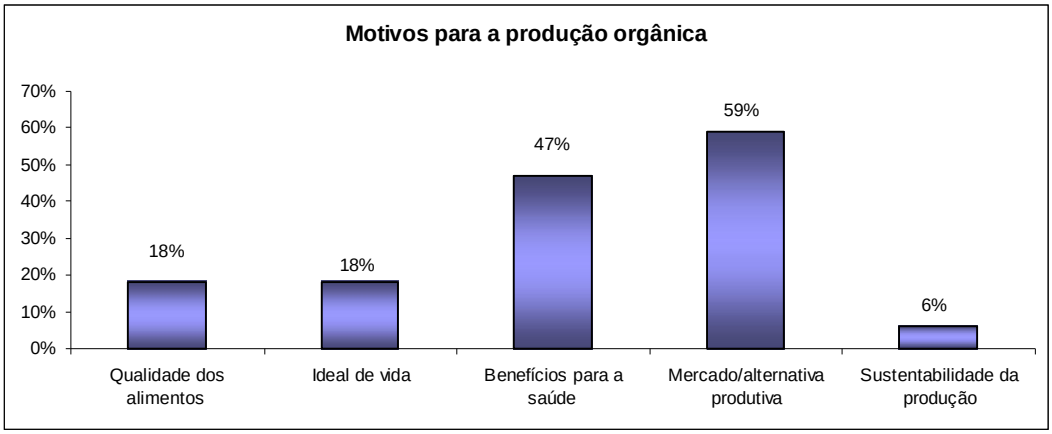
Nas últimas décadas a alimentação experimenta um processo de resignificação, as motivações para o consumo dos alimentos não se resumem aos seus valores nutricionais e econômicos, compreendendo, assim, fatores sociais, culturais e ambientais responsáveis por novos significados e símbolos (MÉNDEZ e BENITO, 2001; LOZANO CABEDO, 2009). Neste contexto, notamos a crescente importância da origem dos produtos, dos cuidados com a sua produção, e das tradições relacionadas a um território, como no caso dos vinhos e queijos artesanais (GARCIA-PARPET, 2004; CRUZ e SHNEIDER, 2010).

[227] Programa voltado para assessoria técnica e gerencial de pequenos e médios produtores. Fundado em fins da década de 90 com o nome de SAI – Sistema Agroindustrial Integrado do SEBRAE – passou por uma série de modificações sendo denominado a partir de 2011 como Agrosebrae. Tem como base 3 pilares para o desenvolvimento das condições dos produtores rurais: melhoria dos produtos, melhoria dos processos e acesso a mercados.

Questionando a vida urbana moderna, a agricultura orgânica é percebida como *ideologia alimentar*, movida por fatores subjetivos lastreados em significados individuais e coletivos, comporta um conjunto de valores e práticas que cria espaço para um consumo qualificado e diferenciado (AZEVEDO, 2012).

No horizonte da construção social de mercados, os produtos orgânicos são entendidos como resultados das ações dos próprios agentes sociais, vistos, portanto, como ativos e determinantes na produção dos valores éticos, ambientais e de justiça social expressos nesse mercado (ABRAMOVAY, 2006; GARCIA-PARPET, 2012). Para Abramovay (2006), esta perspectiva assume que os mercados estão "mergulhados" na vida social, sofrendo, portanto, influências constantes.

Neste cenário, o termo *agente produtivo-consumidor*[228] busca demonstrar que no processo de produção, no caso a orgânica, as ideias e ideais compartilhados por produtores e consumidores se misturam, lançando a possibilidade de um novo modelo produtivo que seja mais justo e sustentável social e ambientalmente. Com os produtos orgânicos, observamos, assim, uma reaproximação imaterial de produtores e consumidores (LAZZARATO e NEGRI, 2001), dantes afastados pelos processos de padronização e industrialização convencional (MÉNDES e BENITO, 2001). A escolha pelos produtos orgânicos expressa, assim, mudanças subjetivas na ação social de produtores e consumidores, cada vez mais preocupados com fatores como a saúde e a qualidade dos alimentos. Deste modo, o gráfico abaixo revela as motivações dos produtores do Instituto ANNONA no que concerne a produção orgânica. Nota-se que o número de respostas é maior do que o de entrevistados, isto porque os produtores não raramente apontavam mais de um motivo para produzirem orgânicos.



[228] Se depreende da leitura de autores como Lazzarato e Negri (2001) e Gorz (2005). Sendo uma das principais temáticas e hipóteses da pesquisa de iniciação científica financiada pela FAPESP (Processo: 2012/20042-7).

Gráfico 2 – Dados produzidos pela pesquisa.

Como podemos constatar, a variável *mercado/alternativa produtiva* é o principal motivo para a escolha dos produtos orgânicos dentre os associados do Instituto. Isso porque, não raro, em condições socioeconômicas fragilizadas os produtores optam pelo mercado de orgânicos como uma alternativa de renda[229]. De acordo com Darolt (2002) em 1997 o preço pago pelo consumidor final pelos produtos orgânicos era 30% maior que aquele pago pelos produtos convencionais. Salienta, no entanto, que o tipo de venda é essencial para determinar essa diferença, no caso das feiras onde impera a venda direta o preço dos produtos orgânicos chega a quase o mesmo dos convencionais, enquanto que na venda via supermercados o diferencial de preços em produtos como o tomate e a batata pode chegar a 100%. Além disso, no preço dos produtos orgânicos estão embutidas demandas específicas desse mercado, como maior mão-de-obra, dada a impossibilidade do uso de agrotóxicos, e procedimentos obrigatórios como a certificação (DAROLT, 2002).

Por sua vez, *benefícios para a saúde* é apresentada como segunda motivação mais frequente para a escolha dos orgânicos dentre os produtores da associação. Esta opção se relaciona a possibilidade de consumir e produzir alimentos "livres" do uso de agrotóxicos. A importância dessa alternativa dentre os produtores do Instituto ANNONA de Agricultura Sustentável corrobora com pesquisas que definem como um dos principais motivos para a escolha dos alimentos orgânicos entre os brasileiros a preocupação com a saúde (AZEVEDO, 2012; IPD Orgânicos, 2011).

Qualidade dos alimentos relaciona-se a sensorialidade despertada com o "ato" de alimentar-se. Para os produtores que citaram essa variável os produtos orgânicos possuem um diferencial de sabor, aroma, textura e consistência, aliada a ideia de que os mesmos possuem uma qualidade nutricional superior. A escolha dos orgânicos como um *ideal de vida*, demonstra a vontade do produtor produzir algo socialmente útil e ecologicamente correto, expressando assim um distinto modo de ver e viver o mundo. Por fim, *sustentabilidade da produção* sugere a vontade de desenvolver uma produção com menores impactos ambientais.

Nesse sentido, observamos que fatores objetivos e subjetivos estão entrelaçados no momento da escolha por esses produtos, isso porque os produtores, que são também

[229] No caso do Instituto identifiquei produtores que antes eram produtores/assalariados rurais e/ou empresários/assalariados urbanos.

consumidores, compartilham dos valores, ideias e ideais propostos por esse modelo alternativo. Em suma, é possível observar que a opção por produzir orgânicos mobiliza fatores subjetivos que somados a uma opção de mercado permite com que esses produtores se viabilizem econômica e socialmente.

CONCLUSÕES

Como vimos, a agricultura orgânica resulta da construção de um novo mercado, que por meio do fator diferencial permite o fortalecimento de pequenos produtores que antes de optarem pelos orgânicos estavam em condições de produção marginais. A visão empreendedora por parte dos associados do Instituto está relacionada à difusão de políticas públicas voltadas para a capacitação do pequeno produtor e se alicerça em um novo perfil produtivo caracterizado por altos níveis de escolaridade que facilitam o contato com novos métodos agrícolas e a opção por mercados diferenciados.

De outro modo, a experiência do Instituto ANNONA permite observar a emergência de uma "nova agricultura" de caráter empreendedor no interior paulista, identificando o dinamismo territorial e local da associação de produtores orgânicos como resultado de uma atividade inovadora. Ademais, entende-se que a formação da associação fortalece o conhecimento dos produtores favorecendo a troca e a difusão de saberes.

As motivações para a escolha dos alimentos orgânicos mobilizam diversos fatores subjetivos em constante inter-relação, exemplificando uma produção qualificada e diferenciada que é resultado das mudanças das relações de produção e consumo e dos novos significados e símbolos relacionados à alimentação. Em suma, as contínuas transformações que afetaram a sociedade contemporânea nas últimas décadas trazem novos sentidos para ação dos agentes sociais, que em suas escolhas se movem cada vez mais por uma multiplicidade de dimensões singulares, como a preocupação com a saúde, com a qualidade dos alimentos e com o meio ambiente.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, R. **A caixa-preta dos mercados**. Jornal Valor Econômico, São Paulo, p. 10, 20 set. 2006.

_____. **Nova dimensão para as pequenas propriedades rurais**. Gazeta Mercantil, São Paulo, p. A3, 28 jun. 2001.

_____. **Agricultura e desenvolvimento rural.** Jornal Valor Econômico, São Paulo, p. A 12, 14 jun. 2007.

ANJOS, F. S.; AGUILAR CRIADO, E.; CALDAS, N. V. **Estrategias de valorización de productos locales en España y Brasil.** In: Revista de Economia Agrícola, São Paulo (Brasil), vol. 58, n.1, 2011, p.23-39.

AZEVEDO, E. **Alimentos orgânicos:** ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social. São Paulo: Editora SENAC, 2012.

CAMPOS, R. L. S. **Capacitação rural:** o caso do SAI – Sistema Agroindustrial Integrado do SEBRAE/SP – Módulo de Araraquara. Relatório de pós-doutorado. UNESP/Fclar, 2010.

CRUZ, F. T.; SCHNEIDER, S. Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v.5, n.2, p.22-38, 2010.

DAROLT, M. R. **Agricultura Orgânica inventando o futuro**. Londrina: IAPAR, 2002.

EHLERS, E. **Agricultura Sustentável:** origens e perspectivas de um novo paradigma. São Paulo: Livros da Terra, 1996.

GARRIDO, F.; MOYANO, E. Agricultura, sociedad y medio ambiente en la España actual. In: Mª J. Marrón y G. García (Org.), **Agricultura, Medio Ambiente y Sociedad**, Madrid, Serie Estudios MAPA, 2004, pp. 29-56.

GARCIA-PARPET, M-F. Mundialização dos mercados e padrões de qualidade: vinho, o modelo francês em questão. **Revista Tempo Social**, vol.16, n.2, p-129-150, nov. 2004.

_____. **Estudo de caso de 'mercado auto-regulado':** normas voluntárias e qualidade dos produtos da agricultura orgânica. Revista Reed, Araraquara, v.4, n.2, jan/jul. 2012.

HARDT, M; NEGRI, N**. Multidão:** Guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

IPD Orgânicos. Pesquisa: o mercado brasileiro de produtos orgânicos. Curitiba: 2011. Disponível em: <http://www.ipd.org.br/upload/tiny_mce/Pesquisa_de_Mercado_Interno_de_Produtos_Organicos.pdf> Acesso em: 01/05/2014.

LAZZARATO, M; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

LEIS, H. R.; D'AMATO, J. L. O ambientalismo como movimento vital: análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial. In: CAVALCANTI, C. (Org.) Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. Recife: INPSO/FUNDAJ, Instituto de

Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, 1994. Disponível em: <http://www.ufbaecologica.ufba.br/arquivos/livro_desenvolvimento_natureza.pdf> Acesso em: 01/05/2014.

LOZANO CABEDO, C. Contribución de la agricultura ecológica a la cohesión territorial. In: **Agricultura familiar en España** 2010. p.134-140. Disponível em: <http://www.upa.es/anuario_2010/pag_054-064_alicialangreo.pdf> Acesso em: 30/05/2014.

LUPA. **Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo 2007/2008.**
Disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa/dadosmunicipais.php> Acesso em: 30/05/2014.

MÉNDES, C. D.; BENITO, C.G. **Del consumo alimentario a la sociología de la alimentación.** Revista Distribuición y Consumo, v.11, n.60, p. 5-23, nov./dez., 2001.

PEREIRA, G. G.; TROIANO, J. A. **Os atores do rural paulista:** um ensaio sobre a Região Central. In: Rosana Baeninger; Lidiane Maciel. (Org.). Coleção Por Dentro do Estado de São Paulo: Região Central. 1ed.Campinas: Núcleo de Estudos de População/NEPO/UNICAMP, 2013, v. 12, p. 85-96.

SILVA, J. G. **O novo rural brasileiro.** Campinas: Unicamp, IE, 1999.

VEIGA, J. E. **Agricultura Moderna:** diagnósticos e perspectivas. In: TRIGUEIRO, A. (Org.). Meio Ambiente no Século 21. Ed. Sextante, 2003, p.198-213.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.